

BARROS, E. M. D.; LIMA, J. R. S. Mobilização do conteúdo temático em artigos de opinião como redação de vestibular. *ReVEL*, v. 21, n. 40, 2023. [www.revel.inf.br].

MOBILIZAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO EM ARTIGOS DE OPINIÃO COMO REDAÇÃO DE VESTIBULAR

Mobilization of thematic content in opinion articles as an essay from entrance examination

Eliana Merlin Deganutti de Barros¹

Juliane Ribeiro Sakamoto de Lima²

elianamerlin@uenp.edu.br

juhsakamoto@icloud.com

RESUMO: Esta pesquisa tem como base teórica o Interacionismo Sociodiscursivo, com enfoque na sua noção de gêneros de textos, condições de produção e conteúdo temático. O foco é o desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho documental, tendo como objeto principal as redações de candidatos ao vestibular da Universidade do Norte do Paraná (UENP), na seleção de 2018. O objetivo é analisar a influência dos textos de apoio fornecidos pela prova do vestibular nas redações dos candidatos, na construção do referente textual. Como *corpus*, a pesquisa selecionou exemplares das redações do processo seletivo, cuja proposta solicitava que o candidato produzisse um artigo de opinião, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intencionava publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: “de modo geral, o ativismo nas redes sociais, ou *ciberativismo*, tem repercussões significativas na sociedade ou fica restrito ao mundo virtual?”. Os resultados apontam que a quantidade de textos filiados a um posicionamento não interfere na tomada de posição dos candidatos e que, do ponto de vista linguístico-discursivo, há uma grande influência dos textos de apoio na construção do referente textual.

PALAVRAS-CHAVE: Interacionismo Sociodiscursivo; Artigo de opinião; Conteúdo temático; Avaliação da escrita.

ABSTRACT: This research is based on Sociodiscursive Interactionism, focusing on its notion of textual genres, production conditions and thematic content. The focus is the development of a qualitative research, of a documentary nature, having as main object the essays of candidates for the entrance exam at the Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), in the 2018 selection. The objective is to analyze the influence of the supporting texts provided by the entrance exam in the candidates' essays, in the construction of the textual referent. The research selected copies of the newsrooms of the selection process, whose proposal requested that the candidate produce an opinion article assuming the social role of a newspaper reader who intends to publish his point of view in relation to the controversial issue: “in general, does activism on social networks, or cyber activism, have significant repercussions on society or is it restricted to the virtual world?”. The results point out that the amount of texts affiliated to a position

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Líder do grupo de pesquisa Diálogos Linguísticos e Ensino (DIALE-UENP/CNPq).

² Graduada em Letras Português/Inglês pela universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Membro do grupo de pesquisa Diálogos Linguísticos e Ensino (DIALE-UENP/CNPq).

does not interfere in the candidates' position taking and that, from the linguistic-discursive point of view, there is a great influence of the supporting texts in the construction of the textual referent.

KEYWORDS: Sociodiscursive Interactionism; Opinion article; Thematic content; Writing assessment.

INTRODUÇÃO

Tomar a avaliação da produção escrita para ingresso na universidade como objeto de estudo é estabelecer um diálogo claro com o ensino na Educação Básica. Isso porque, muitos pesquisadores têm investigado o processo reflexivo e refratário entre as competências e os conteúdos prescritos nos exames para ingresso nas universidades (aqui incluímos o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM) e o ensino escolar, sobretudo, na etapa do Ensino Médio (entre eles, citamos SILVA; ARAUJO 2009).

Entender como os candidatos aos concursos vestibulares concebem a ação linguageira de produzir um texto em contexto de avaliação para ingresso em uma universidade é também compreender como esse jovem, supostamente recém egresso da Educação Básica, de certa forma, está aprendendo a produzir textos no contexto escolar, uma vez que esse é um dos grandes eixos do ensino da língua, como prescreve a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL 2019).

Analisar a escrita de vestibulandos é o objetivo do Projeto de Pesquisa “A produção de artigos de opinião como redação de vestibular”, coordenado pela primeira autora deste artigo, e vinculado ao Grupo de Pesquisa Diálogos Linguísticos e Ensino (DIALE). O projeto orienta-se por estudos sobre os gêneros de textos/do discurso como objetos de ensino da língua e parte da problemática da produção escrita no contexto de escolarização, com foco em uma etapa importante desse processo: a avaliação da escrita de candidatos em contexto de vestibular.

As pesquisas vinculadas ao referido projeto se propõem a analisar a produção escrita de artigos de opinião como redação de vestibular de candidatos da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), por diversos olhares teórico-metodológicos. Para este artigo, o objetivo é analisar a influência dos textos de apoio fornecidos pela prova do vestibular 2018 da UENP na construção do referente textual. Buscamos verificar como o agente-produtor interpreta o material disponibilizado pelo vestibular para agir discursivamente como um candidato que assume o papel de um leitor de jornal interessado em defender um ponto de vista

sobre uma polêmica trazida pela prova da redação.

A fundamentação teórica de base é o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART 2006, 2009), com foco na sua noção de gêneros de textos, condições de produção e conteúdo temático/referente textual. O ISD é uma corrente idealizada por Jean-Paul Bronckart (2009) e desenvolvida por vários pesquisadores da Universidade de Genebra. Seu surgimento fundamenta-se, epistemologicamente, em vários estudos, dentre eles, os advindos do Interacionismo Social de Vigotski (2018) e da linguagem como atividade social, a partir dos preceitos do Círculo de Bakhtin. Além do ISD, utilizamos também, como aporte da pesquisa, autores que estudam o gênero “artigo de opinião” como referência para a avaliação escrita no contexto de provas de redação de vestibular (STRIQUER; BARROS 2020; BELINELLI; BARROS 2021), denominando o gênero, de forma singular, como “artigo de opinião como redação de vestibular”.

O artigo de opinião como redação de vestibular, assim como postulam Striquer e Barros (2020), é tomado como um gênero que funciona na coerção de dois contextos de produção: um virtual, relacionado ao gênero de referência social, inserido na esfera jornalística; outro real, relacionado ao contexto avaliativo do processo vestibular. Assim, a construção do referente textual das redações dos vestibulandos – foco de análise desta pesquisa – leva em conta as representações desses dois contextos. Portanto, cabe, ao candidato, agir coerentemente na textualização da sua redação, de forma a atender essa dubiedade situacional.

1. BASE TEÓRICA ADVINDA DOS ESTUDOS DO ISD

Para Bakhtin (1997: 279), pesquisador que, de certa forma, “atualiza” os estudos sobre os gêneros de textos/do discurso, e que está na base epistemológica do ISD, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Quando nos comunicamos com os nossos pares, fazemos isso por meio da língua/linguagem, e essa linguagem nunca é a mesma, pois, em cada uma das esferas – religiosa, escolar, jornalística, cotidiana, etc. – há formas diferentes de interagir; há rotinas sociais que devem ser seguidas e que repercutem na maneira como se produzem os textos. É no interior das esferas sociais que os gêneros de textos/do discurso são concebidos: “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de

utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN 1997: 280, grifos do autor).

À luz do ISD, Bronckart (2009) defende sua opção pela terminologia “gêneros de textos”, opção que aderimos, também, neste trabalho, embora sem desconsiderar a base teórica advinda dos estudos bakhtinianos:

[...] os textos são produto da linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamados de gêneros de texto). (BRONCKART 2009: 137 – grifos do autor).

Toda produção de um texto requer escolhas e combinações de várias ordens – estruturantes, linguísticas, discursivas, semióticas, cognitivas... Nessa perspectiva, como ressalta Bronckart (2006: 143), os gêneros de texto “são produtos de configurações” dessas escolhas, os quais se encontram, no momento da ação languageira, estabilizados pelo uso. Na metáfora criada pelo ISD, os gêneros encontram-se sempre “arquivados” em subconjuntos organizados por esferas sociais, temas, etc., denominados **arquitextos** (BRONCKART 2006), ou seja, conjuntos de gêneros previamente elaborados por gerações anteriores. Tais conjuntos ficam à disposição dos sujeitos, que podem, evidentemente, adaptá-los a contextos singulares, a depender dos propósitos comunicativos e das condições de produção textual. Além dessa variação sincrônica, os gêneros também “mudam necessariamente com o tempo ou com a história das formações sociais de linguagem (BRONCKART 2006: 144 – grifos do autor). Para Bronckart (2009: 103), “a apropriação dos gêneros é, por isso, um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Como revela a célebre frase de Bakhtin (1997): se não fossem os gêneros, se não os dominássemos, a comunicação humana seria quase impossível. Ou seja, dominá-los é, como diz Bronckart (2009), uma ferramenta essencial para a interação social.

Para se apropriar de um gênero, na visão instrumental defendida pelos pesquisadores do ISD, é preciso que o sujeito construa esquemas para sua utilização: “o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização” (SCHNEUWLY 2004: 24). E para se apropriar de algo (ou seja, construir esquemas

para sua utilização) é necessário adaptá-lo “a um uso ou a uma finalidade determinada; atribuir alguma coisa a si mesmo, fazer com que ela seja SUA (algumas vezes, até mesmo de modo indevido)” (MACHADO; LOUSADA 2010: 626).

Na concepção defendida pelo ISD, essa adaptação está implicada, dentre outros fatores, nas representações que o sujeito faz dos parâmetros contextuais e do referente textual. Bronckart (2009: 93) define contexto/condições de produção como “um conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”, ou seja, fatores externos que influenciam o emissor em sua textualização, seja ela oral, escrita ou multimodal. Como o ISD adota uma visão descendente na análise dos textos/discursos/gêneros (BRONCKART 2009), ou seja, parte sempre do entendimento do entorno sócio-histórico da ação linguageira, é primordial sistematizar como funciona a influência contextual na produção dos textos. Bronckart (2009: 93) reagrupa os fatores que influenciam a produção textual em três conjuntos: 1) mundo físico – em que o texto “resulta de um comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo” (BRONCKART 2003: 93); 2) mundo social – representa valores, ideologias, atitudes; 3) mundo subjetivo – relaciona-se à imagem de si na ação linguageira. No quadro teórico desenvolvido por Bronckart (2009), do ponto de vista do mundo físico, são observados o lugar de produção, o momento de produção, o emissor e o receptor. Já na perspectiva sociossubjetiva (mundos social e subjetivo), busca-se analisar o lugar social de produção, a posição/papel social do emissor (professor, pai, aluno), a posição/papel social do receptor (orientador, criança, mãe) e o objetivo da interação (ou objetivos/propósitos comunicativos).

Tais parâmetros contextuais, segundo o ISD, somente “influenciam o texto através das representações pessoais do agente-produtor” (BRONCKART 2009: 96). Assim acontece com as informações relativas ao conteúdo temático (ou referente textual), as quais se constituem, da mesma forma, de representações singulares de um agente, no ato linguageiro. Segundo Bronckart (2009: 97), “o conteúdo temático (ou referente) de um texto pode ser definido como o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”.

O conteúdo temático é formado por representações do mundo exterior, não

faz parte do texto propriamente dito, ou seja, o agente-produtor busca, no mundo exterior, o referente, interpreta-o, cria uma representação temática, a fim de produzir o seu texto. A interpretação que ele realiza do conteúdo temático é refletida, imprescindivelmente, em seu textualizar. De acordo com Bronckart (2009: 97-98 – grifos do autor), o repertório temático: “Trata-se de *conhecimentos* que variam em função da experiência e do nível de desenvolvimento do agente e que estão estocados e organizados em sua memória, previamente, antes do desencadear da ação de linguagem”.

No processo de semiotização do texto, Bronckart (2009) destaca dois aspectos. O primeiro diz respeito à forma como os conhecimentos são estruturados no texto. Mesmo as informações da macroestrutura semântica se estruturando de modo lógico e hierárquico, a sua mobilização textual prevê uma ordenação na ordem do sucessivo. Assim, o plano geral de um texto nunca pode ser visto como “cópias idênticas das macroestruturas semânticas” (BRONCKART 2009: 98). O segundo aspecto refere-se à criação de mundos discursivos. “[...] pelo fato que são semiotizados, os conhecimentos mobilizados em um texto organizam-se em mundos ‘outros’, ou em *mundos discursivos*, cujas coordenadas são distintas das coordenadas do *mundo ordinário*, no qual se realiza a ação do agente” (BRONCKART 2009: 98 – grifos do autor).

Para dar seguimento à nossa discussão, trazemos uma seção que apresenta o gênero de referência para a escrita das redações que analisamos neste trabalho – o artigo de opinião – e sua apropriação como redação de vestibular.

2. ARTIGO DE OPINIÃO E SUA MOBILIZAÇÃO COMO REDAÇÃO DE VESTIBULAR

O artigo de opinião que serve como referência para a escrita das redações do vestibular da UENP é caracterizado como sendo um gênero jornalístico argumentativo em sua essência, que circula na esfera jornalística, podendo ser publicado em jornais, revistas (impressos(as) ou virtuais), *blogs*, *sites* da internet. Para Castellani e Barros (2018: 203), o artigo de opinião jornalístico “[...] é um gênero que busca sempre convencer o seu leitor, tendo como eixo condutor uma tese sobre a polêmica” que motiva a produção. Segundo as autoras, a polêmica é a base para iniciar a elaboração de um artigo de opinião, pois sem uma controvérsia o gênero perderia a sua identidade. Silva e Morais (2021: 6) denominam a polêmica de

questão argumentativa e ressaltam que essa “só existe se houver pontos de vista antagônicos sobre o mesmo tema”, ou seja, a questão argumentativa/polêmica é a ancoragem do artigo de opinião.

Na esfera jornalística, o artigo de opinião é assinado por um **articulista**. Segundo Rangel, Gagliardi e Amaral (2010: 19), os articulistas são “[..] profissionais ou especialistas que escrevem matérias assinadas (autorais) sobre algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, internet ou televisão”. Ao escrever o artigo, busca convencer o leitor a aderir a seu ponto de vista. Entretanto, Lopes-Rossi (2010: 6) defende que “o propósito comunicativo do gênero artigo de opinião é colocar um assunto em discussão, mostrar um ponto de vista e provocar outras discussões, pois os leitores não são obrigados a concordar com aquela opinião”.

Na posição defendida pela pesquisa, porém, o articulista sempre tem a intenção de provocar mudanças nos posicionamentos daqueles que não compactuam com suas ideias. Nessa proposta comunicativa, a representação que o agente-produtor faz de seu destinatário é de alguém que pensa diferentemente dele, que tem potencial para mudar de posicionamento. É essa representação que dá força argumentativa ao discurso do articulista, ou seja, ao propósito de defender um ponto de vista sobre um tema polêmico.

O artigo de opinião é um gênero de texto sempre assinado, o que imputa, ao articulista, toda a responsabilidade pelo que é expresso, diferentemente de outras matérias opinativas que circulam nos jornais, como o editorial, que representa, discursivamente, a voz do veículo jornalístico. Por essa razão, é comum os artigos serem escritos em primeira pessoa do singular.

No contexto da prova de redação de vestibular de instituições como a UENP, que solicitam a escritura de um artigo de opinião e, para tanto, propõem que o candidato assuma a voz de um articulista de jornal que busca defender um ponto de vista em relação a uma polêmica, não se pode considerar que o texto escrito pelo vestibulando se trata de um “artigo de opinião” tal como concebido no interior da esfera jornalística. O contexto de produção é outro e, conseqüentemente, isso exige que o candidato realize adaptações no modelo de referência do gênero, a fim de adequá-lo ao contexto de avaliação escrita do vestibular.

O artigo de opinião em contexto de vestibular é um novo gênero discursivo/textual, visto que, ao deslocar-se do seu contexto natural de produção, do campo jornalístico, os objetivos discursivos e os elementos que formam o contexto de produção não são os mesmos: o autor assume outros

papéis sociais; os destinatários são outros; o tempo e espaço de produção também, conseqüentemente, os elementos linguístico-discursivos refletem esses aspectos (STRIQUER; BARROS 2020: 200).

No caso do artigo de opinião como redação de vestibular da UENP, há algumas adaptações em relação ao gênero de referência social – o artigo de opinião do campo jornalístico – a que o candidato é submetido, sobretudo, no que diz respeito ao contexto de produção textual. Embora os papéis sociais do emissor e destinatário, pelo comando da prova da UENP, tenham que ser assumidos como **articulista** e **leitor de jornal**, respectivamente, são contaminados pelo **contexto real de produção** – a produção de uma redação para avaliar a capacidade escritora do candidato, para fins de ingresso numa universidade. Isso porque o objetivo real da produção do artigo de opinião em contexto de vestibular é mensurar a capacidade escritora do candidato.

Para realizar a avaliação, a banca examinadora deve levar em consideração se o sujeito conhece o gênero de referência e, conseqüentemente, se ele consegue assumir a posição de um articulista de jornal. Como vemos, esse gênero é constituído por um conflito contextual, entre as **condições reais de produção** (vestibular) e as **condições virtuais** dadas pelo comando da prova (escrita de um artigo de opinião em contexto jornalístico). Assim, visto que o contexto real de produção do artigo de opinião como redação do vestibular é a seleção para ingresso numa universidade, alguns aspectos da construção composicional do gênero são específicos para essa situação. Striquer e Barros (2020) apontam alguns desses aspectos, entre eles:

[...] delimitação do número de linhas igual para todos os candidatos, a fim de um julgamento com parâmetros não subjetivos. [...] não ser permitido assinar o texto e não deixar indícios de autoria mesmo no corpo do texto, porque o fundamento de um concurso é a avaliação às cegas, isto é, sem privilegiar quem possa ser o candidato, dando condições aos que estão mais bem preparados a terem acesso a uma formação superior (STRIQUER; BARROS, 2020: 202).

O artigo de opinião como redação de vestibular é uma adaptação do gênero de referência e, por essa razão, merece ser estudado de forma singular. Defendemos, assim como Lemke (2010: 457), que “um letramento é sempre um letramento em algum gênero”. Para estudarmos a atividade letrada envolvida na escritura de um texto, precisamos entender a que gênero ele pertence e como esse é concebido pelos seus usuários. Este artigo traz, nessa perspectiva, uma análise que busca esclarecer um dos aspectos da prática de escrita do que estamos denominando “artigo de

opinião como redação de vestibular”. A seção a seguir busca clarear alguns aspectos metodológicos que dão sustentação à pesquisa.

3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Como metodologia, a pesquisa se pauta na abordagem qualitativa (FLICK 2009) e nos preceitos da Linguística Aplicada de cunho transdisciplinar. Orienta-se pela análise documental (GIL 2014), uma vez que o *corpus* analítico é compilado a partir de materiais não manipulados pelo pesquisador: dezenove exemplares das redações que alcançaram notas entre 8,0 e 8,5 no processo seletivo de 2018 da UENP, cuja proposta solicitava que o candidato produzisse um artigo de opinião, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intencionava publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: “de modo geral, o ativismo nas redes sociais, ou *ciberativismo*, tem repercussões significativas na sociedade ou fica restrito ao mundo virtual?” (Anexo A). A opção por selecionar textos dessa faixa avaliativa deve-se ao fato de serem representantes de um grupo privilegiado em termos de pontuação, pois equivalem às melhores notas do certame.

Ao assumir o papel social de um articulista de jornal (que é também um leitor do jornal), o candidato ao vestibular, para escrever sua redação, passa a fazer representações dúbias do contexto de produção, uma vez que é, do ponto de vista empírico, um concorrente a uma vaga na universidade, mas é, ao mesmo tempo, requerido a assumir uma outra posição social, proposta pelo comando da prova, ou seja, de se passar por um leitor de jornal que pretende escrever e publicar um artigo de opinião. Assim, os dois contextos estão interligados: (1) o real, a partir do qual se produz uma redação para ser avaliada por uma banca de professores especializados, a fim de se computar uma nota boa que, somada ao restante da prova de vestibular, possa garantir o ingresso à universidade; (2) o virtual, no qual se assume o papel de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista e que escreve, hipoteticamente, para editores e leitores do jornal.

Para nossas análises, a fim de preservarmos a identidade dos participantes (candidatos-autores das redações), os textos/partes de textos dos candidatos que utilizamos são sempre digitados e não digitalizados, o que permite a não exposição da letra do participante. Essa observação consta no parecer de aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Parecer:

2.856.912). A seguir, trazemos a descrição do *corpus* selecionado, com especificação dos códigos utilizados durante as análises:

CÓDIGO	TÍTULO DA REDAÇÃO
REDAÇÃO A	Ciber mundo real
REDAÇÃO B	Ciberativismo: ultrapassando barreiras virtuais
REDAÇÃO C	O ciberativismo como agente de mudanças sociais
REDAÇÃO D	O spam do ativismo ao mundo virtual
REDAÇÃO E	Nossas atitudes refletidas na sociedade
REDAÇÃO F	A modernização da retórica de Sócrates
REDAÇÃO G	Os vários caminhos da nova liberdade de comunicação
REDAÇÃO H	Rufem os teclados
REDAÇÃO I	Movimentos sociais intervirtuais
REDAÇÃO J	A internet: molde de opiniões
REDAÇÃO K	O outro lado do ativismo
REDAÇÃO L	A nova Ágora
REDAÇÃO M	Do não-lugar para um lugar melhor
REDAÇÃO N	Está na rede, você não viu?
REDAÇÃO O	A realidade agradece
REDAÇÃO P	As redes sociais desenham uma nova sociedade
REDAÇÃO Q	“A ferramenta não substitui o construtor”
REDAÇÃO R	Transcendendo o cyberativismo
REDAÇÃO S	Ciberativismo: ferramenta de eficácia em nossas mãos

Quadro 1: Descrição do *corpus* da pesquisa

Fonte: as autoras.

Na citação de partes dos textos, durante a análise e discussão dos dados, buscamos preservar, na íntegra, a escrita dos participantes. Com relação às análises, essas seguem o método indutivo, ou seja, partem do particular e colocam “a generalização como produto posterior do trabalho” (GIL 2014: 10), tendo como categoria macro a mobilização do referente textual/conteúdo temático pelos candidatos.

No primeiro nível da análise, o exploratório, são depreendidas três categorias de análise, com base nos posicionamentos defendidos na argumentação textual, os quais são utilizados na análise da influência dos textos de apoio no discurso argumentativo do candidato. Para complementar a análise, ancoramo-nos também em uma perspectiva linguístico-discursiva, no intuito de identificar indícios de construções parafrásticas ou inspirações discursivas advindas dos textos de apoio, sem, contudo, nos determos em classificações específicas correspondentes a estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos candidatos.

4. MOBILIZAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO NAS REDAÇÕES DO CORPUS

Para esta análise, como já mencionamos, selecionamos 19 redações da edição do vestibular da UENP de 2018, as quais alcançaram notas entre 8,0 e 8,5, e codificadas, para efeito de pesquisa, por meio de letras – A a S. O objetivo é analisar a influência dos textos de apoio da prova do vestibular nas redações dos candidatos.

Para tanto, inicialmente, fazemos uma análise exploratória de cunho quantitativo para identificar o posicionamento dos candidatos em relação à polêmica trazida pelo comando da prova. Em seguida, esses posicionamentos são alvo de descrição e explicação para, posteriormente, serem utilizados como suportes na análise da influência dos textos de apoio na construção do referente textual. Na sequência, as influências dos textos de apoio também são analisadas a partir de uma perspectiva linguístico-discursiva, com base nos “decalques” realizados pelos candidatos na construção textual. Consideramos, para análise, os três pontos de vista a seguir: 1) *Ciberativismo* tem repercussões significativas na sociedade; 2) *Ciberativismo* fica restrito ao mundo virtual; 3) Posicionamento relativo. O Quadro 2, a seguir, traz o levantamento dos posicionamentos argumentativos dos candidatos, depreendidos pela pesquisa.

Redações	Posicionamento 1: (<i>Ciberativismo</i> tem repercussões significativas na sociedade)	Posicionamento 2: (<i>Ciberativismo</i> restrito ao mundo virtual)	Posicionamento Relativo
REDAÇÃO A	X		
REDAÇÃO B	X		
REDAÇÃO C	X		
REDAÇÃO D			X
REDAÇÃO E			X
REDAÇÃO F	X		
REDAÇÃO G	X		
REDAÇÃO H	X		
REDAÇÃO I	X		
REDAÇÃO J	X		
REDAÇÃO K		X	
REDAÇÃO L			X
REDAÇÃO M	X		
REDAÇÃO N	X		
REDAÇÃO O	X		
REDAÇÃO P	X		
REDAÇÃO Q	X		
REDAÇÃO R		X	
REDAÇÃO S	X		
TOTAL	14 – 74%	02 – 10%	03 – 16%

Quadro 2: Levantamento do posicionamento dos candidatos

Fonte: as autoras.

Ao analisarmos o posicionamento dos 19 candidatos, constatamos que 14 (74%) redações assumem o Posicionamento 1, sustentando o argumento de que o *ciberativismo* tem repercussões significativas na sociedade; apenas 2 (redações K e R) aderem ao Posicionamento 2, defendendo a ideia de que o *ciberativismo* fica restrito ao mundo virtual (10%); e três redações, D, E e L, são classificadas como Posicionamento Relativo – nesses casos os candidatos não defendem claramente um ponto de vista.

A Redação E é um bom exemplo da categoria Posicionamento Relativo. A problemática dessa produção está no fato de o enunciador apresentar argumentos direcionados tanto ao Posicionamento 1 quanto ao 2, quando, na verdade, o que se esperava é que o candidato desenvolvesse seu texto assumindo uma opinião em relação à questão polêmica.

A princípio, como podemos constatar nos trechos a seguir, a redação apresenta argumentos para comprovar que o *ciberativismo* não fica restrito ao mundo virtual, mas, logo em seguida, traz um outro lado do ativismo, com argumentos que defendem o Posicionamento 2. Na conclusão, esse posicionamento, que estamos classificando como “relativo”, é reforçado, pois o que se “defende” é a consequência dos atos praticados (provavelmente no mundo virtual). Verificamos que esse candidato não consegue se posicionar frente à polêmica gerada pelo conteúdo temático apresentado pela prova, como pede o gênero “artigo de opinião”. Isso talvez seja influência das condições de produção que se encontra o agente-produtor: ao mesmo tempo em que precisa assumir o papel de um articulista de jornal que deve se posicionar frente à polêmica, é um candidato ao ingresso a uma universidade pública que, necessariamente, precisa explicitar suas opiniões e ideologias para textualizar o conteúdo temático.

Na minha opinião, o ativismo ou ciberativismo nas redes sociais tem repercussões significativas na sociedade, visto que, os mesmos podem mobilizar pessoas do mundo inteiro em prol de uma causa; haja vista que muitas campanhas – pelos direitos das mulheres, contra o uso de animais em testes de laboratórios ou o uso de sua pele como materiais de roupas, etc- são feitas nas redes sociais, como no facebook, para assim, atingir o número máximo de pessoas possíveis. [...]

No entanto, o ativismo não está presente somente nas campanhas citadas acima, gerando atitudes boas, mas também em protestos políticos, defendendo e muitas vezes criticando um partido. Porém, algumas vezes, isso gera um grande problema, pois alguns se escondem atrás das redes sociais, mostrando sua opinião apenas virtualmente e no mundo “real”, não fazendo nada para que a situação melhore. [...]

Portanto, concluo que tudo tem sua consequência na sociedade, pois um mundo onde nossas atitudes não fossem refletidas e não gerassem um resultado, seja ele bom ou ruim, seria um mundo utópico, o qual todas as nossas atitudes teriam que ser perfeitas. (REDAÇÃO E)

Como mostra o Quadro 2, a grande maioria das redações analisadas (74%) assumem o Posicionamento 1, ou seja, os pré-conhecimentos de mundo dos candidatos acerca do conteúdo temático proposto pelo vestibular parecem estar alinhados a uma construção do *ciberativismo* como ferramenta de apoio às causas sociais e políticas e com repercussões significativas na sociedade. Entretanto, como vemos no Quadro 3, quantitativamente, o vestibular traz mais textos que defendem, explicitamente, o Posicionamento 2.

Texto	Título	Gênero	Foco
1	<i>Ciberativismo: ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo</i>	Fragmento da introdução de um artigo de opinião	Definição de ciberativismo
2	<i>As redes sociais e sua influência na sociedade</i>	Fragmento de um artigo de opinião	Defesa do posicionamento 1
3	<i>Quando as redes sociais favorecem um “ativismo preguiçoso”</i>	Fragmento de um artigo de opinião	Defesa do posicionamento 2
4	<i>Charge publicada em blog – sem título</i>	Charge	Defesa do posicionamento 2

Quadro 3: Textos de apoio da prova de redação 2018

Fonte: as autoras.

Ao analisarmos os textos de apoio, verificamos que o Texto 1, um fragmento de um artigo, traz uma breve definição de *ciberativismo*. O 2 é um artigo de opinião que defende que o *ciberativismo* é uma ferramenta importante para a sociedade, sendo ele capaz de ultrapassar as redes sociais e ter repercussões significativas socialmente, ou seja, alinhando-se ao Posicionamento 1. O Texto 3, também um artigo de opinião, assume, por outro lado, a tese de que o *ciberativismo* é um movimento que fica restrito ao mundo virtual, associando-o a um “ativismo preguiçoso”. Essa posição também é defendida pelo Texto 4, uma charge que, mesmo

sem trazer a expressão “ativismo preguiçoso”, ironiza os ativistas virtuais que restringem sua atuação apenas ao universo da internet. Ou seja, os dois últimos textos de apoio se alinham ao Posicionamento 2.

Como podemos observar, apesar de os textos de apoio, do ponto de vista quantitativo, defenderem mais o Posicionamento 2, a grande maioria dos candidatos com notas de 8,0 a 8,5 não são influenciados por esses textos, e assumem o Posicionamento 1. Isso mostra que os textos de apoio podem reavivar as memórias discursivas dos agentes-produtores, mas não são condicionantes para a construção do conteúdo temático.

Por outro lado, do ponto de vista linguístico-discursivo, a influência dos textos de apoio na construção do referente textual se mostra bastante significativa. Como ressaltam Beloti e Luz (2019: 201), “os textos de apoio cumprem o papel de contribuir para o direcionamento temático da prova, dando condições de o candidato, minimamente, conhecer a respeito do tema”. Verificamos, que a grande maioria das redações apresentam paráfrases ou inspirações advindas dos textos de apoio, utilizando-os ora implícita ora explicitamente. Assim como Santos (2010), entendemos que as paráfrases nas redações de vestibular precisam ser analisadas do ponto de vista semântico-enunciativo e não apenas gramatical como acontece em muitos casos.

Nos excertos a seguir, as redações C, E, F e R inspiram-se no Texto de Apoio 2, intitulado “As redes sociais e sua influência na sociedade”. O autor aborda uma visão positiva de *ciberativismo* e traz como exemplo uma tragédia na região serrana do Rio de Janeiro em que o ativismo virtual conseguiu ótimos resultados por meio de doações de remédios e coleta de sangue, entre outras ações (ver Anexo A). O argumento de que esse tipo de ativismo pode ajudar em episódios de catástrofes é amplamente utilizado pelos candidatos. Muitos se inspiram no Texto de Apoio 2 e atualizam o referido exemplo, como é o caso da Redação E, que menciona a tragédia de Mariana ocasionada por rompimento de barragem, em 2015.

[...] *mobilizam centenas de pessoas, e que são organizados na internet, com objetivos bem variados arrecadação de dinheiro para auxiliar no tratamento de pessoas necessitadas; doações de águas, alimentos e roupas para aqueles que precisam ou que tiveram grande parte de seu patrimônio destruído, algo recorrente em épocas de chuva forte e desastres ambientais.* (REDAÇÃO C)

[...] *muitas arrecadações são feitas através do mundo virtual também, visto que, dessa maneira, todos podem ajudar os mais necessitados, como foi feito há dois anos atrás em prol dos desabrigados na tragédia de Mariana.* (REDAÇÃO E)

Em tragédias como o terremoto em Haiti, campanhas de doação de alimentos e de dinheiro foram criadas na internet, mostrando empatia pelos que sofrem. (REDAÇÃO F)

[...] *diante de alguns casos, como desabamentos, desastres bélicos e outras tragédias em que necessitou-se de uma mobilização maior da população, o ativismo das redes de comunicação contribuiu para agilizar o processo de socorro e recuperação das áreas afetadas.* (REDAÇÃO R)

Como vemos, o Texto de Apoio 2 é inspiração para os agentes-produtores das redações, na construção do referente textual. A partir das informações apresentadas pela prova, os candidatos acionam a sua macroestrutura semântica para recuperar conhecimentos enciclopédicos relacionados aos argumentos apresentados, como é o caso da Redação F, que traz como exemplo de tragédia o terremoto do Haiti – provavelmente o de 2010. Mesmo se inspirando no Texto de Apoio 2, é possível identificar traços de autoria na escrita do candidato, uma vez que ele consegue recuperar, pela sua memória discursiva, um fato não trazido pelos textos fornecidos pela prova. Em sua análise de paráfrases em redações de vestibular, Santos (2010: 166) conclui que, em alguns casos, os candidatos, no intuito de transformarem o já-dito (textos de apoio), procuram reformular o discurso do outro e encontram nisso “um meio de (meta)enunciar certo dizer de acordo com informações ‘dadas’”, e isso pode ser entendido como um indício de autoria.

Muitos enunciadores, mesmo defendendo o Posicionamento 1, parafraseiam ou se inspiram no Texto de Apoio 3 “Quando as redes sociais favorecem um ‘ativismo preguiçoso’” (ver Anexo A), com foco na defesa do Posicionamento 2. Já no título, o Texto 3 deixa clara sua posição negativa em relação ao *ciberativismo*, ao introduzir o conceito de “ativismo preguiçoso”. A tese defendida é que, quando se trata de causas sociais e políticas, há muito agito nas redes sociais, mas, na vida real, nada se altera. O texto de apoio também usa, como argumento, o conceito de “bolhas ideológicas” – pessoas que se fecham em suas crenças e ideologias e somente frequentam ambientes onde sujeitos pensam da mesma forma. O referido texto traz duas pesquisas: uma do *Pew Research Center* que mostra que “as pessoas de direita tendem, predominantemente, a ter amigos que concordam com suas ideias políticas e a fazer parte de grupos com ideias parecidas, enquanto os esquerdistas têm uma tendência maior a apagar ou bloquear amigos por causa de divergências políticas” (Anexo A);

outra, publicada na revista *Science*, diz que “as pessoas constroem uma espécie de ‘sala de espelhos’ digital de suas próprias opiniões” (Anexo A). Como podemos observar pelos fragmentos a seguir, as Redações B, D, E e F são exemplos de artigos que buscam respaldo no Texto de Apoio 3:

[...] “ativismo de sofá” é restrito somente à internet e sem presença física do indivíduo e dessa forma apresenta-se como incoerente e ineficaz. (REDAÇÃO B)

Muitas vezes, [...] deixamos de sair da zona de conforto ou “bolhas ideológicas”, contraindo então, repercussões significativas ao nosso cotidiano. [...] Segundo um estudo realizado pela revista *Science*, há indivíduos que, desenvolvem um rótulo de “sala de espelhos”, onde é refletido e absorvido apenas as opiniões e ideologias próprias. (REDAÇÃO D)

[...] temos como exemplo a proposta defendida por alguns psicólogos em ressignificar a terapia com enfoque aos LGBT’s, afim de “curá-los” com tal especialidade. Porém, esta proposta não possui generalização ao movimento/grupo LGBT’s, como é reforçado por aqueles “ativistas virtuais preguiçosos” que, não adquiriram embasamento teórico para possuir argumentos concretos; e sim, é destinado singularmente aos indivíduos que se sentem destinados por ajuda psicológica. (REDAÇÃO D)

[...] de acordo com os estudos do Pew Research Center, os esquerdistas são mais intolerantes à pessoas com opiniões diferente das suas. (REDAÇÃO E)

[...] criarmos bolhas sociais, ou seja, só escutarmos a opinião de quem concorda com a nossa e anularmos as outras. (REDAÇÃO F)

As Redações D e E usam os estudos citados pelo Texto 3 como voz de autoridade para a argumentação. Ou seja, a referência ao texto de apoio é explícita, o que, em tese, reduz o grau de autoria do candidato, uma vez que o comando da prova informa ao vestibulando que os textos de apoio “podem ser usados apenas como suportes para a sua argumentação e nunca copiados deliberadamente. Você será avaliado pelo grau de autoria do texto!” (Anexo A). Interessante também verificar como os conceitos trazidos pelos textos de apoio são reconfigurados pelos agentes-produtores dos artigos: de “ativismo preguiçoso” para “ativismo de sofá” (Redação B); de “bolhas ideológicas” para “bolhas sociais” (Redação F), o que mostra como a construção do referente textual, no caso do artigo de opinião como redação de vestibular, sofre interferência dos textos disponibilizados pela prova. Contudo, essa interferência é perpassada pelas macroestruturas semânticas que compõem o repertório temático do vestibulando, as quais estão impregnadas de *valoração ideológica* (BAKHTIN 1997).

Destacamos, também, as Redações E, H e R, as quais buscam respaldo argumentativo no Texto de Apoio 4, uma charge, que faz uma crítica aos ativistas virtuais que defendem fervorosamente uma causa nas redes sociais (no caso da charge, no *Facebook*), no entanto, diante do contexto da vida real, não assumem o mesmo posicionamento. Os fragmentos a seguir exemplificam como os agentes-

produtores das redações citadas se ancoram no argumento da charge para construir o conteúdo temático e textualizar o seu artigo:

Porém, algumas vezes, isso gera um grande problema, pois alguns se escondem atrás das redes sociais, mostrando sua opinião apenas virtualmente e no mundo “real”, não fazendo nada para que a situação melhore. (REDAÇÃO E)

O fator negativo? A participação cidadã, apenas atrás de uma tela, dos brasileiros nos assuntos políticos e sociais do país. (REDAÇÃO H)

É importante, também, que os internautas protestem não apenas atrás das telas, e sim, nas ruas e nos movimentos sociais. (REDAÇÃO H)

[...] Em contrapartida, quando as questões abordadas referem-se a temas igualmente abrangentes, [...] esse cyberativismo transforma-se em um real inativismo, visto que a agitação social, na maioria dos casos, não ultrapassa o meio virtual. (REDAÇÃO R)

Acontece que essa atitude não passa de uma tremenda hipocrisia, pois atrás de uma tela de computador somos indivíduos que entoam um hino clamando por mais igualdade, direito e respeito, mas quando desprotegidos desta tela de vidro, somos apenas mudos frágeis e indefesos que se contentam com o pouco e que se calam por medo; medo de encontrar, nas ruas, divergência e de lutar pelo que acredita. (REDAÇÃO R)

No caso da Redação E, analisada como Posicionamento Relativo, o agente-produtor usa o mesmo argumento da charge para trazer um lado negativo do *ciberativismo*, uma vez que o fragmento apresentado, iniciado com a conjunção adversativa “porém”, aparece logo em seguida de uma argumentação favorável ao Posicionamento 1, de que o ativismo virtual tem repercussões significativas no mundo real.

A Redação H, embora classificada como as que defendem o Posicionamento 1, traz, também, como ponto negativo do *ciberativismo*, o mesmo argumento da charge, de que muitos internautas se “escondem atrás das telas”. Porém, na conclusão, o candidato defende que “as vantagens do aspecto positivo [do *ciberativismo*] prevalece, a ponto de confirmar que o advento da internet vem para somar nos protestos da população do país”. Mesmo defendendo os efeitos significativos do ativismo virtual, a representação que o enunciador faz do referente textual é ainda dúbia. Talvez, por influência dos textos de apoio, que trazem os dois lados da polêmica, ou talvez pela especificidade do contexto de produção: um vestibulando que precisa mostrar para a banca não somente a sua capacidade escritora de artigos de opinião, mas também o seu conhecimento sobre a temática e a sua representação ideológica sobre ela.

Já a Redação R é aqui referenciada como exemplo da grande maioria dos artigos analisados, os quais se alinham ao Posicionamento 1. Essa redação, assim como outras dessa categoria, constroem o conteúdo temático desconstruindo a ideia de que os internautas não conseguem ultrapassar as barreiras das “telas de vidro” do

mundo virtual, tomando como suporte a leitura dos textos de apoio – seja aquele que traz a definição de *ciberativismo*, aquele que defende que esse *ciberativismo* transpassa o mundo virtual ou os dois que têm uma posição crítica a esse caráter social do ativismo das redes. Assim como Raupp e Zanini (2001), entendemos que a função dos textos de apoio na prova de redação dos vestibulares é justamente dar esse respaldo temático para o candidato. Segundo os autores, o que se espera do vestibulando leitor/produtor é a sua capacidade de integralizar as informações dos textos fornecidos pelo vestibular a seus conhecimentos de mundo – “uma atitude que implica uma participação ativa por parte do vestibulando leitor/produtor” (RAUPP; ZANINI 2001: 203).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa parte de uma problemática inserida no âmbito do ensino e aprendizagem da produção escrita no contexto de escolarização, com foco em uma etapa importante desse processo: a avaliação da escrita de candidatos em vestibular. Propusemo-nos a analisar o gênero “artigo de opinião como de redação de vestibular”, tendo como foco a influência dos textos de apoio na construção do conteúdo temático/referente textual.

A partir da análise do *corpus* selecionado, redações que alcançaram notas de 8,0 a 8,5, na edição de 2018 do vestibular da UENP, foi possível verificar que a quantidade de textos de apoio direcionados a um certo posicionamento sobre a polêmica instaurada pelo comando da prova não chega a influenciar o encaminhamento argumentativo do candidato, uma vez que a grande maioria dos vestibulandos analisados defende uma tese explorada em um único texto de apoio, em contrapartida a dois que se enquadram no posicionamento contrário.

Nesse caso, interpretamos que o que prevalece nessa tomada de posição é a representação que o candidato faz de seus interlocutores reais – a banca avaliadora das redações – e daquilo, supostamente, que esses avaliadores gostariam de encontrar em seus textos. O Posicionamento 1, defendido pela maioria dos vestibulandos, mas menos explorado, quantitativamente, pelos textos de apoio, parece se alinhar, de um ponto de vista socioideológico, a uma sociedade “perfeita”, em que os ativismos sociais, mesmo sendo aflorados no mundo virtual, alcançam os seus propósitos humanitários no “mundo real”.

Por um outro prisma de análise, pudemos verificar que, de um ponto de vista linguístico-discursivo, os textos de apoio influenciam a construção do referente textual, a partir de estratégias do que estamos chamando de “decalques” – vistos pela pesquisa não de uma forma pejorativa, mas como ferramentas de construção da textualidade do gênero “artigo de opinião em contexto de vestibular”. As construções parafrásticas e as inspirações advindas do conteúdo temático dos textos de apoio são resultados da leitura ativa desses textos por parte dos candidatos, em articulação com a ativação de suas “macroestruturas semânticas” (BRONCKART, 2009).

Nesse sentido, entendemos ser de suma importância a seleção dessas coletâneas textuais que integram as provas de redação dos vestibulares, sobretudo, as que têm como referência gêneros argumentativos. O ideal é que tais coletâneas, mais do que trazerem um rol de possíveis argumentos, possam “abrir portas” para uma construção autoral do conteúdo temático.

Entender como candidatos representam o conteúdo temático para a semiotização textual em um contexto de avaliação escrita de concurso vestibular que pede que o candidato faça uma simulação discursiva, a fim de produzir um texto do gênero “artigo de opinião”, é de suma importância para compreendermos como os gêneros sociais de referência – no caso o artigo de opinião jornalístico – funcionam nessa condição de produção específica. A análise mostra uma especificidade desse “novo gênero” que não existe, evidentemente, no gênero de referência social: a dependência dos textos de apoio fornecidos pela prova na construção do referente textual. Os textos de apoio da prova fazem parte, assim, da atividade linguageira de produção de artigos de opinião como redação de vestibular.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BELINELLI, G. P.; BARROS, E. M. D. A mobilização de vozes enunciativas no gênero “artigo de opinião como redação de vestibular”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. 1, e2000, p. 1-23, jan.-abr./2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2000> Acesso em: 04 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 04 jul. 2022.

BELOTI, A.; LUZ, C. da S. Práticas de escrita em contexto de Concurso Vestibular: a atuação de candidatos na prova de Redação. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, p. 191-203, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo> Acesso em: 18 nov. 2022.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Org. e trad. Anna R. Machado e Maria de Lourdes M. Matencio. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: EDUC, 2009.

CASTELLANI, R. A.; BARROS, E. M. D. de. Modelo teórico/didático do gênero artigo de opinião: ferramentas para análise do gênero. *Entrepalavras*, Fortaleza, v.8, n.2, p. 196-214, maio/ago. 2018.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009 Acesso em: 27 abr. 2020.

LOPES-ROSSI, M. Ap. G. A perspectiva dialógica para a leitura crítica de artigo de opinião em sala de aula. In: SEMINÁRIO O PROFESSOR E A LEITURA DO JORNAL, 5, 2010, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2010, p. 1-11. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivomorto/portal/5seminario/PDFs autores/Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi.pdf> Acesso em: 18 maio 2022.

MELO, E. F. B.; TEIXEIRA, A. C. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Passo Fundo. *Anais...* Passo Fundo: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/6/871> Acesso em: 11 abr. 2022.

RANGEL, E. O.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. *Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada). Disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/colecao-da-olimpiada/artigo/1991/cadernos-docentes> Acesso em: 04 jul. 2022.

RAUPP, E. S.; ZANINI, M. Redação no vestibular: o que revelam os textos rejeitados? *UNILETRAS*, v. 23, dez. 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/223> Acesso em: 18 nov. 2022.

SANTOS, H. S. *A paráfrase no vestibular: uma prática de reformulação do dizer*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15393> Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, E. M.; ARAÚJO, D. L. Redação no vestibular: efeito retroativo da noção de gêneros textuais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 133-152, jan./jun.

2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tla/a/FXmMDvFwfb7YzfxfgDWWrJ/abstract/?lang=pt> Acesso em:
04 jul. 2022.

SILVA, A. M. G.; MORAIS-DAMASCENO, R. Redação Enem: um olhar sobre a estase argumentativa. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-19, e02127, 2021.

SCHNEWLY, B. Gêneros e tipos do discurso: considerações psicológicas e ontológicas. In: SCNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

STRIQUER, M. S. D.; BARROS, E. M. D. O artigo de opinião como redação de vestibular: um olhar sobre a construção composicional do gênero. *Línguas e Letras*, v. 21, n. 49, p. 197-205, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24608> Acesso em: 04 jul. 2022.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jefferson L. Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Artigo recebido em 05 de dezembro de 2022.
Artigo aceito para publicação em 22 de fevereiro de 2023.

ANEXOS

ANEXO A: Prova de redação do vestibular da UENP de 2018

Produza um **artigo de opinião**, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: **De modo geral, o ativismo nas redes sociais, ou ciberativismo, tem repercussões significativas na sociedade ou fica restrito ao mundo virtual?**

Não se esqueça de que o artigo de opinião é um **texto argumentativo**, por isso, além de se posicionar frente à questão exposta, é preciso selecionar bons argumentos para a defesa da sua tese.

Os textos a seguir abordam a questão apresentada, mas lembre-se de que eles podem ser usados apenas como suportes para a sua argumentação e nunca copiados deliberadamente. Você será avaliado pelo grau de autoria do texto!

TEXTOS

Ciberativismo: ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo

Andréia Martins, da Novelo Comunicação 04/02/2014 12h53.

[...] Quando você busca apoiar uma causa social, o que faz? Provavelmente uma das primeiras coisas é acessar a internet: fazer uma doação, compartilhar campanhas e experiências, assinar uma petição ou confirmar presença em algum protesto. Esses são alguns dos exemplos de como a rede vem ampliando o ativismo social e político e criando novas formas de atuação e mobilização, compondo o que é chamado de ciberativismo.

O ciberativismo é um termo recente e consiste na utilização da internet por grupos politicamente motivados que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações, dentro e fora da rede. Com essas possibilidades, todos podem ser protagonistas de uma causa. [...]

(Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2017.)

TEXTOS

As redes sociais e sua influência na sociedade

Por Alexandre Mendes, em 24/02/2011

[...] Alguns importantes acontecimentos mundiais tiveram uma intensa participação das redes sociais e parte da solução dos problemas foi derivada das atuações nelas.

Um exemplo? Vamos ao caso da tragédia na região serrana do Rio de Janeiro. Aos poucos, foram surgindo comunidades e grupos no Orkut e no Facebook e perfis no Twitter. A sociedade mostrou-se madura, solidária e participativa, conseguindo junto aos órgãos públicos grandes conquistas para as comunidades sofridas, agilizou os processos de doações de remédios a coletas de sangue, divulgou a situação de várias áreas através de fotos e dicas de acesso, dados de meteorologia e mapas. [...]

As redes mostraram a sua importância, deixando de lado tempo e espaço, influenciando o destino de dezenas de pessoas, através da rápida disponibilização de informações relevantes, de forma que muitos puderam usufruir deste ambiente e agir junto aos necessitados. [...]

(Disponível em: <<https://masters.com.br/artigo/19889/redes-sociais/as-redes-sociais-e-sua-influencia-na-sociedade?trace=1519021197&source=single>>. Acesso em: 22 ago. 2017.)

TEXTO 3

Quando as redes sociais favorecem um "ativismo preguiçoso"

São meios eficientes quando não se requer mais do que o compromisso dos usuários
 JAVIER CALVO, 31 MAI 2015 - 18:05 BRT

[...] Hoje em dia, para muita gente, entrar no Facebook ou no Twitter significa mergulhar em um grande protesto, onde as pessoas comentam sem parar artigos das edições digitais da imprensa e notícias dos onipresentes casos de corrupção entre políticos e empresários, convocam atos políticos ou simplesmente desabam contra aqueles que consideram como os responsáveis pelo desastre de nosso país. [...] O paradoxo é que o Facebook me mostra um entorno social e a rua, outro. As redes sociais fervem de agitação política. No mundo "real", nada muda. [...]

A realidade, aparentemente, é que as redes sociais criam bolhas ideológicas. Duas pesquisas divulgadas nos últimos meses ratificam essa ideia. Segundo um estudo do Pew Research Center, as pessoas de direita tendem, predominantemente, a ter amigos que concordam com suas ideias políticas e a fazer parte de grupos com ideias parecidas, enquanto os esquerdistas têm uma tendência maior a apagar ou bloquear amigos por causa de divergências políticas. Outro estudo, publicado na revista Science, confirma que as pessoas constroem uma espécie de "sala de espelhos" digital de suas próprias opiniões, e que o usuário médio das redes tem apenas cerca de 23% de amigos com ideias políticas diferentes das suas. Além disso, os especialistas no assunto descobriram que o Facebook e o Twitter amplificam aquilo que, em ciência política, se chama "espiral do silêncio": os usuários têm medo de publicar opiniões políticas quando pensam que elas podem ser lidas por outros com ideias diferentes. [...]

(Disponível em: https://brasil.eipais.com/brasil/2015/05/31/internacional/1433106323_876086.html. Acesso em: 22 ago. 2017).

TEXTO 4



(Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-N-DiCJYW_A/ViQgWUuOWI/AAAAAAAAADU/ITSuod_N1puo/s1600/ativista-internet-cyberativistas-facebook-rede-social-twitter.jpg>. Acesso em: 22 ago. 2017).